

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ

BEATRIZ SOUTELO

CLÍCIA CARMO

**PARIR COM AMOR: Relatos de mães e profissionais que lutam por partos humanizados
no Amapá**

Macapá, 2017

BEATRIZ SOUTELO

CLÍCIA CARMO

PARIR COM AMOR: Relatos de mães e profissionais que lutam por partos humanizados no Amapá

Memorial Descritivo do Projeto Experimental Livro-Reportagem “Parir com amor”, apresentado ao Curso de Jornalismo, da Universidade Federal do Amapá, como requisito total à disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso para obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social- Jornalismo.

Professor (a) Orientador (a): Prof^ª. Dra. Roberta Scheibe

Macapá, 2017

SUMÁRIO

1.Resumo.....	4
2. Introdução.....	4
3.Objetivos.....	5
4.Problema.....	6
5.Hipótese.....	6
6.Justificativa.....	7
7.Metodologia.....	8
8.Cronograma.....	12
9.Referencial Teórico.....	12
10.Descrição do produto.....	17
11.Conclusão.....	19
12.Bibliografia.....	21

1.RESUMO

Este trabalho contém o memorial do projeto experimental que elaborou um livro-reportagem sobre o parto humanizado no Amapá. Este texto detalha a produção do material jornalístico realizado, bem como os seus alicerces metodológicos e de revisão de literatura. O livro-reportagem intitulado Parir com amor: relatos de mães e profissionais que lutam por partos humanizados no Amapá, procura retratar o universo de mães e profissionais que lutam pela humanização do parto e contra a violência obstétrica no estado do Amapá, com apurações e abordagens de reuniões conscientizadoras sobre a gestação e o parto, mudanças na atuação profissional nos hospitais e a troca de experiências de mães para mães. O produto produzido é jornalístico, com método de investigação etnobiográfico, narrativas de histórias de vida, com técnicas do jornalismo e do jornalismo literário como a narração e a descrição.

PALAVRAS-CHAVE: Livro-reportagem; parto humanizado; violência; jornalismo;

2.INTRODUÇÃO

O livro-reportagem sobre o parto humanizado no Amapá foi escolhido como tema para a execução deste projeto experimental como forma de preencher lacunas existentes sobre as alternativas de parto. Evidenciando o parto humanizado e suas características, bem como as situações de violência obstétrica sofrida por muitas mulheres em partos intervencionistas e sem humanização.

O objetivo do livro é esclarecer sobre o universo da humanização do parto, sobre quais as intervenções são realmente necessárias e quais são intervenções de rotina. O livro-reportagem conta histórias de mulheres que sofreram partos com violência e em contrapartida relatos de mulheres que vivenciaram partos humanizados. O livro também conta a história do grupo Ciranda Materna, que é um grupo de apoio ao parto humanizado, ao direito da mulher e a valorização da profissão da doula evidenciando a luta de enfermeiros obstétricos para mudar o ambiente onde trabalham humanizando a assistência à mãe e ao bebê.

As entrevistas foram realizadas a partir do método etnobiográfico, de história de vida, relato de história oral, descrição e narração. Os métodos se baseiam em

entrevistas reflexivas e qualitativas com livre e extensa fala dos personagens e exaustiva observação, com narrativas que remontam os momentos que as histórias são contadas com descrição de detalhes, para que houvesse um entendimento aprofundado dos personagens e do tema.

Foram usadas na execução do livro as técnicas do jornalismo e características do jornalismo literário com uma narrativa intimista, sentimental, descritiva e pessoal, com fatos enriquecidos por detalhes, porém, sem perder o foco da informação e o aprofundamento da notícia, da linguagem direta e clara para narrar o real através dos elementos da literatura.

O memorial apresenta as especificidades e particularidades do livro-reportagem e as experiências aprendidas no processo, assim como relata os objetivos almejados, as escolhas dos métodos utilizados e os suportes bibliográficos que embasaram a construção do livro-reportagem, bem como a descreve os processos de execução e finalização do projeto experimental.

1.OBJETIVO GERAL

Produzir um livro-reportagem, empregando a linguagem jornalística e algumas características narrativas do jornalismo literário, para esclarecer as pessoas sobre o parto humanizado no Amapá.

2.OBJETIVOS ESPECÍFICOS DO LIVRO-REPORTAGEM

1. Fazer a apuração jornalística e a redação do texto com base na linguagem jornalística estipulada por Nilson Lage (2003), (2004) e Mario Erbolato (1989), com características do jornalismo literário, teorizado no Brasil por Edvaldo Pereira Lima (2004), que prioriza elementos narrativos, descritivos e dissertativos; o uso prolongado de personagens e a observação intensa;
2. Explicar como ocorre o parto humanizado – e o não humanizado – no Amapá;
3. Entrevistar mulheres que fizeram partos humanizados, doulas, parteiras e envolvidos que defendem o parto humanizado;

4. Entrevistar obstetra e especialistas sobre os benefícios e os riscos do parto humanizado;
5. Promover um relato humanizado de experiências, fatos e personagens;

3.OBJETIVOS ESPECÍFICOS DO RELATÓRIO DO PROJETO EXPERIMENTAL

1. Relatar a execução do livro-reportagem;
2. Evidenciar o cronograma realizado;
3. Destacar os objetos, a metodologia e as especificidades do produto executado;
4. Mostrar um breve referencial teórico sobre livro-reportagem e parto humanizado.

4. PROBLEMA

O assunto parto humanizado ainda é pouco esclarecido e debatido, em consequência disto não é amplamente divulgado nas grandes mídias, refletindo uma sociedade que carece de conhecimento sobre o assunto e sobre o que realmente consiste a humanização no parto e nos direitos da mãe e do bebê.

Diante disto, procuramos responder ao problema: Qual a importância da divulgação do parto humanizado para as mulheres que pretendem ter um parto intervencionista?

5.HIPÓTESE

No parto humanizado não existem violências de quaisquer espécies; o termo dá nome a um tipo de parto onde não existem intervenções hospitalares de rotina. Pouco conhecido e divulgado, portanto, sua divulgação por meio de um livro-reportagem, através de um texto mais longo, completo, com relatos de experiências e elementos narrativo-descritivos, possibilitará que as mulheres façam suas escolhas com bastante embasamento sobre os tipos de partos, os saberes tradicionais e a área médica.

6.JUSTIFICATIVA

Caracteriza-se como parto humanizado um método sem intervenções e interações hospitalares. Por exemplo, um parto sem indução, anestesia, corte no períneo (episiotomia), parto cirúrgico (cesárea), estes e outros procedimentos de rotinas nos hospitais, segundo RATNER (apud OLIVEIRA et al., 2002).

Antes, durante e depois do parto humanizado não ocorrem as intervenções hospitalares de rotina, exceto em situações realmente consideradas necessárias, onde mãe e bebê possam estar em perigo de vida.

De acordo RATNER (apud OLIVEIRA et al., 2002), um parto intervencionista, seja normal ou cesariana, não respeita o tempo da mulher e do bebê, usam hormônios sintéticos para acelerar o parto e cortam o cordão umbilical assim que o bebê nasce, o que impossibilita a entrega de muitos nutrientes para a criança.

O parto humanizado é uma alternativa para respeitar a vontade e a natureza da gestante, porém, é uma alternativa pouco divulgada e conhecida entre as mulheres. Portanto, o livro-reportagem sobre o parto humanizado no Amapá, explica os processos da gestação que envolve um parto não intervencionista e mais natural; a partir do lugar de fala de especialistas no assunto – abarcando os saberes tradicionais e populares, e de mulheres que tiveram partos humanizados e também intervencionistas. Sendo assim, as gestantes e futuras gestantes poderão formar sua opinião sobre o assunto com uma opinião mais clara e tendo o entendimento necessário para a sua escolha.

A divulgação do parto humanizado através de um livro-reportagem tem um valor na vida das mulheres, porque, segundo LOPES (et al., 2005), uma escolha consciente sobre o parto é um evento que segue a mãe em todo o processo de gestação e puerpério, sendo antecipado na gestação na forma de expectativas, e mesmo depois de sua conclusão, por meios das lembranças que a acompanham ao longo da vida.

Utilizar-se de um livro-reportagem para tratar o parto humanizado no Amapá e assim publicizar conhecimento de outros saberes, nada mais é do que falar extensamente e sem preconceitos deste assunto deixá-lo mais claro à sociedade. De acordo com Lima, citado por Moraes (2004, p.9), a principal virtude de um livro-reportagem “é a sua capacidade para preencher as lacunas deixadas habitualmente pela cobertura jornalística na sua abordagem do real”. Portanto, a partir de um livro-reportagem o parto humanizado pode ser esclarecido, sanando dúvidas de modo geral sobre o tema.

Segundo PENA (2006, p.6), com o livro-reportagem é possível potencializar os recursos que o jornalismo nos oferece, ultrapassar o limite dos acontecimentos cotidianos, a partir de uma visão totalmente realista e ampla das situações. O tema escolhido para a construção deste livro-reportagem é de extrema contribuição para a formação do cidadão e para o bem comum. Os métodos jornalísticos de verificação exata da informação e das fontes, o registro fiel do cotidiano e um diálogo realista que envolve o leitor são de extrema importância nesse projeto.

Neste sentido, como aporte metodológico, um dos métodos utilizados é o etnobiográfico (GONÇALVES; MARQUES; CARDOSO, 2012), que abarca o método biográfico e as ferramentas pontuais da história de vida e da história oral – através dos relatos dos entrevistados, empregado ao encontro do que sugere PEREIRA (2008, p.1): “O discurso biográfico é híbrido e, como um subgênero do jornalismo literário, funde os recursos do jornalismo e da literatura, além de usar métodos da História para a reconstrução do passado e de ser visto, muitas vezes, como um local de preservação da memória”. Deste modo interpretamos a história de vida de algumas pessoas segundo elas mesmas, narrando minuciosamente os detalhes de cada momento.

Manter uma relação com o personagem é fundamental para a construção de uma história realista e envolvente. Segundo Barroso (2009, p.3): “A história oral é a base documental que sustenta a pesquisa, pois sem ela seria impossível esclarecer a problemática que gerou a investigação”. A história oral se preocupa com o que é relevante de fato para a sociedade.

7.METODOLOGIA

Em relação ao aspecto metodológico o tema foi investigado através de pesquisa bibliográfica, em que foram utilizados livros e artigos. Porém, o principal processo metodológico é o uso da etnobiografia (GONÇALVES; MARQUES; CARDOSO, 2012), que como já dito, envolve os aportes da biografia e das narrativas de história oral e história de vida, a partir das ideias de estudos investigativos qualitativos ao qual se possibilita uma imersão nas nuances e particularidades do projeto experimental do livro-reportagem sobre o parto humanizado no Amapá. Paralelamente, o projeto se utiliza de elementos

pontuais dos métodos da reportagem literária para a confecção do texto e da linguagem do livro-reportagem, como narração e descrição, de acordo com LIMA (1995).

Sendo assim, foram feitas entrevistas com o método da etnobiografia, onde houve uma profunda relação com os personagens. Na etnobiografia os autores observam a realidade dos personagens, bem como os entrevistam, fazendo com que os personagens se percebam, se criem e recriem em torno de suas próprias narrativas (GONÇALVES, 2012). As técnicas de descrição e narração foram os métodos específicos do jornalismo literário (LIMA, 1995) utilizados para descrever os personagens e as situações vividas por eles.

7.1. Etnobiografia

De acordo com Gonçalves, Cardoso e Marques (2012), a relação entre etnografia e biografia origina a formulação teórica *etnobiografia*, que agrupa a história oral – entrevista história de vida e entrevista em profundidade - a qual se recusa a distinguir de modo separado discurso, linguagem e experiência. O método ressalta na qualidade produtiva – de criação do sujeito – no seu discurso. É um método que prioriza a individualidade criativa penetrando as instituições culturais e os processos de significação e identidade do entrevistado, que personaliza a sua trajetória de vida e as suas experiências. É um método que se propõe dar conta da intrincada relação entre sujeito, indivíduo e cultura.

Quando se fala em etnobiografia, é falar de “um agente que precipita possibilidades de sua cultura a partir de sua ação criativa”, segundo Vânia Cardoso (2012). Sendo assim é a procura individual e intimista do sujeito para o entendimento de sua cultura através de seu discurso.

Segundo Gonçalves (2012), a noção de etnobiografia problematiza a biografia e a etnografia, as experiências do indivíduo e também sua percepção cultural, resultando em uma narrativa que abrange simultaneamente dois aspectos e propõe pensar com um novo olhar a relação entre pessoa e cultura, subjetividade e objetividade.

Portanto a etnobiografia promete relacionar e fundir a etnografia e a biografia por meio de uma narrativa relacionando o indivíduo e o coletivo. O objetivo do método é entender a pessoa para entender sua cultura, enfatizando sua individualidade criativa. É um produto derivado de um discurso autoral dito por um sujeito em seu processo de reinvenção de identidade mediada por uma relação (CARVALHO, 2003, p.284).

7.1.1. Narrativa de história de vida e método biográfico

Segundo Cortes (2011), a história de vida é um método de entrevista qualitativo, uma entrevista exaustiva que objetiva ter uma longa narrativa dos percursos de vida dos atores sociais. Parte-se de fragmentos de vida (BECKER, 1986) para que o personagem conte e recrie suas experiências de vida. Este tipo de metodologia de investigação aprofunda a vida de um indivíduo ou grupo. É um tipo de técnica associada à hermêutica, ou seja, à interpretação da informação (DELGADO, 2008).

Portanto, a entrevista individual auxilia na compreensão e na caracterização da vida do sujeito, mas também do grupo ao qual ele pertence. A história de vida faz com que o sujeito reflita sobre a sua história enquanto a descreve. Uma investigação de acordo com Brandão (2007, p.10) nos possibilita captar aquilo que não é percebido pelas estatísticas, tornando o que é particular, marginal, equivocadamente acessível, “Reconhecendo, ao mesmo tempo, valor sociológico no saber individual”

Sendo assim, a história de vida é a narrativa do sujeito sobre a sua própria vida e a sua própria interpretação dos relatos. É a descoberta dos detalhes da vida do indivíduo – feitos por ele mesmo, ao longo da entrevista; e também as realizadas pelas entrevistadoras que também se reconfiguram ao longo da entrevista - que em entrevistas mais curtas são ignoradas; das minúcias de um fato buscando a profundidade e a subjetividade. O método de História de Vida destaca o momento histórico vivido pelo sujeito e a sua trajetória. Assim, segundo Pereira (2008) esse método é histórico em sua essência, pois retrata o indivíduo e o contexto em que o sujeito se encontra, incluindo suas relações e mudanças sociais.

Indo ao encontro da história de vida, o método biográfico, segundo Demaziere e Dubar (apud SILVA, 2007, P. 77), “consiste na recordação de episódios, na sua interpretação e na articulação temporal do passado, presente e futuro, inserindo-os numa história com um sentido”. Ou seja, a organização da história de vida do indivíduo, alinhando a cronologia e suas experiências relatadas.

O discurso biográfico é subgênero do jornalismo literário e método da área da história para reconstruir o passado, onde pode ser revisto por diversas vezes, “como um local de preservação da memória”, segundo Pereira (2008, p.02).

Entretanto, não havemos de esquecer que biografias não são toda a história e sim recortes do que se encontradisponível, “não é a história de vida, mas sim a interpretação desta”, segundo Pereira (2008, p.04), sendo assim, um recorte dos fatos considerados mais importantes para serem publicados.

7.1.2 Narrativas de História oral

Segundo Alberti, Fernandes e Ferreira (2000, p.33) a história oral tem como destaque dar a voz aos esquecidos, àqueles que habitualmente não tem voz, mas que “cada indivíduo é ator da história”.

É a partir do oral que existe a possibilidade de aprender de forma mais clara as razões reais de uma decisão, onde é viável entrar no mundo do simbólico e do imaginário, “que é tanto motor e criador da história quanto o universo racional”(ALBERTI, FERNANDES, FERREIRA, 2000, p.34). Mas também é preciso que o entrevistador deste método e técnica da história oral se atente às variantes culturais ao entrevistar em sua sociedade, que raramente apresentará uma cultura uniforme.

7.2. Descrição e Narração

As técnicas de descrição e narração, empregados como parte do método de escrita no jornalismo literário, foram usados no livro-reportagem para ilustrar peculiaridades de personagens, lugares e situações. São técnicas essenciais no jornalismo literário. Para Lima:

A narrativa jornalística de melhor qualidade beira a arte, assume alguns dos nobres ideais de que esta pode revestir-se. Potencialmente, pode ao menos desencadear um processo de catarse parcial – mental, nesse caso, ou quiçá também emocional – no leitor (2004, p.151).

Portanto a técnica da narração foi importante na elaboração do livro-reportagem, por enriquecer o relato do fato, as situações, as histórias, os momentos, aliados ao método da descrição.

A descrição é descrever um momento, um cenário, são os detalhes da situação. Em relação ao livro-reportagem, empregamos a técnica no detalhamento, na descrição dos locais da entrevista, das personagens e suas características.

8.CRONOGRAMA

ETAPAS	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI
Entrega pré-projeto	X									
Leitura de materiais relativos ao projeto experimental	X	X	X	X						
Entrevistas		X	X	X	X	X	X			
Escrever os capítulos livro reportagem					X	X	X	X		
Execução do relatório					X	X	X	X		
Entrega do livro reportagem e relatório										X
Defesa para a banca do tcc										X

9.REFERENCIAL TEÓRICO

9.1 A linguagem jornalística no livro-reportagem

O livro reportagem se utiliza das técnicas da linguagem jornalística voltando-se para a mensagem e a informação que o conteúdo da mensagem está passando, apurando a informação em nível de indústria, mas para consumo instantâneo (LAGE, 2003).

Segundo Lage o texto jornalístico busca ter informações conceituais: “o que significa suprimir usos lingüísticos pobres de valores referenciais” (2003, p.36). Sendo constituída de códigos aceitos no contexto coloquial e no formal.

As questões abrangentes e triviais ideologicamente estão ativas na linguagem jornalística porque é impossível fazer jornalismo sem sociedade e cronologia histórica, o que muitas vezes para o autor se faz presente pelas figuras de linguagem, o jornalismo está

intrinsecamente ligado à sociedade e ao momento em que a sociedade vive. (LAGE, 2003).

De acordo com Erbolato (1989), a linguagem jornalística tem que obedecer às regras gramaticais, porém, o texto deve ter harmonia, ter precisão, unidade e não perder-se do principal foco da informação. Usar linguagem direta, sem rebuscamento, mesmo seguindo o modelo pirâmide invertida, onde as principais notícias são as primeiras a serem evidenciadas. Além de utilizar as palavras que possuem a mais fácil compreensão, colocar adjetivos apenas quando realmente forem necessários, e as siglas devem ser sempre explicadas logo após serem usadas.

9.2 Livro-reportagem

Segundo Belo (2006, p.41): “Um livro reportagem é um instrumento aperiódico de difusão de informações de caráter jornalístico”, ou seja, é uma reportagem extensa, que independe do tempo, é uma análise profunda do tema a que se destina. É, segundo Lage (2004), o aprofundamento de uma notícia que geralmente nas redações é colhida e exibida de forma rasa e superficial. Portanto, o livro-reportagem se preocupa com a qualidade do fato relatado que tem como consequência uma produção intensa e aprofundada do assunto em questão.

De acordo com Rangel e Ribeiro, o livro-reportagem tem o intuito de “estender o papel do jornalismo contemporâneo, fazendo avançar as baterias de explicações para além do terreno onde estaciona a grande reportagem na imprensa convencional”. Os autores defendem que o livro-reportagem, distintamente das reportagens publicadas no jornal, tem potencialidades para assumir posturas experimentais (2004, p. 5). Segundo ainda os mesmos autores, o livro-reportagem tomou força com o Novo Jornalismo na década de 60 e se consolidou como o conceito que até hoje prepondera.

Belo (2006) define livro-reportagem como:

(...) apenas uma reportagem, passível de empregar exatamente o mesmo padrão técnico e de conduta, como se fosse publicada em qualquer outro meio de informação. Em uma definição quase acadêmica, é possível dizer que livro-reportagem é um instrumento aperiódico de difusão de informações de caráter jornalístico (2006, p. 41).

Ainda de acordo com Belo, uma das características mais marcantes do livro-reportagem é o mergulho profundo dos fatos, personagens, situações (2006, p. 42).

Belo (2004) afirma que o livro-reportagem ocupa as lacunas deixadas pelos jornais e revistas em função da deficiência resultada da cobertura cotidiana, os complementa e não os substitui.

Lima diz que a presença expressiva do autor, ou dos autores do texto da reportagem, tende a ser proeminente neste tipo de narrativa (2004, p. 36). Algumas outras liberdades como a de fontes, a hibridez do gênero e a atemporalidade do tema em alguns casos, possibilitam ao autor “explorar ao máximo a cultura e a linguagem dos personagens sobre os quais se quer trabalhar” (Idem, p. 38).

Lima também diz que o livro-reportagem está constantemente “bebendo na generosa fonte inspiradora da literatura” (2004, p. 40). Nele, de acordo com Sato, “mais do que nunca os meios de percepção e representação da realidade estão em questão e colocam em xeque o próprio estatuto do real” (p. 30). Sendo assim, passa para o leitor as situações narradas, o ambiente, o cheiro, a forma, as cores, usa os artifícios literários para narrar o real. Segundo Pena (2007), ao falar existe uma espécie de sinestesia na emissão e na recepção, quando escutamos alguém em um local estamos usando além da audição, porque vemos os gestos que o outro faz, por exemplo, e tudo isso surte influência a forma como a mensagem é passada e recebida.

9.3. Jornalismo literário

Para Edvaldo Pereira Lima existem relações entre o jornalismo e a literatura a partir do contexto histórico em que a imprensa começa se modernizar e a se industrializar, desde a metade do século XIX (LIMA, 2004, p.135). Isso no momento que o texto jornalístico começa a evoluir para a reportagem, tornado necessário a melhora das técnicas jornalísticas no processo de informação. Após isto os jornalistas se envolveram na literatura com o intuito de encontrar seus caminhos narrando o real (LIMA, E. 2004, p. 135).

Segundo Alceu Amoroso Lima a literatura está presente em tudo onde houver em seu modo de expressão a palavra, uma acentuação, ou uma ênfase na metade da expressão, que é essencialmente sua beleza. E ainda afirma:

O jornalismo, por conseguinte, tem todos os elementos que lhe permitem a entrada no campo da literatura, sempre que seja uma

expressão verbal com ênfase nos meios da expressão, e com todos os riscos e perigos, que possa produzir nos outros gêneros seus companheiros, ou que os outros nele possam produzir, quando desviados de sua natureza própria (LIMA, A., 1958, p.138).

O jornalismo absorve elementos da literatura, porém, os adapta e transforma direcionando-os para outro propósito. Segundo Lima (2004, p.138), a literatura se interessa principalmente com a escrita, independente de representar o real, o ficcional ou o fato concreto: “Não é, na maioria dos casos, o item primordial”.

Para Lima (2004), não deve haver barreiras entre o jornalismo e a literatura, ao contrário, o jornalismo deve interagir com a literatura a fim de torná-lo fundamentado. Ele afirma que a literatura e o jornalismo são próximos e ligados, que o jornalismo absorve técnicas literárias e vice-versa e que o jornalismo tem usado cada vez mais a literatura moderna em sua composição, as reportagens feitas com excelência possuem elementos literários. Graciliano Ramos é um exemplo de boa literatura e bom jornalismo: “*Memórias do Cárcere* traz essa marca. Onde está o jornalismo? Onde está a literatura? Fica muito difícil demarcar a fronteira” (p.139).

De acordo com Felipe Pena (2006), “o jornalista literário não ignora o que aprendeu no jornalismo diário. Nem joga suas técnicas narrativas no lixo. O que ele faz é desenvolvê-las de tal maneira que acaba construindo novas estratégias profissionais” (p. 14). Ou seja, o jornalista se apropria de métodos e técnicas derivadas da literatura, mas com seu intuito fundamental de dialogar com a linguagem jornalística. Para o autor os princípios do jornalismo não se alteram, a observação, a apuração rigorosa, a abordagem ética. É apenas a junção desses atributos do jornalismo com a expressão da literatura.

Para Castro, “o jornalismo trata dos mesmos dramas humanos que a literatura, só que através do filtro da rotina” (2005, p. 75). E complementa dizendo: “Escritores e jornalistas participam do mesmo universo: o da narração” (2005, p. 80) e aventuram-se pelo mesmo universo: o das palavras. Ou seja, ambos possuem o mesmo instrumento e o mesmo objeto de estudo.

Pena afirma que o jornalismo literário é definido por ele como linguagem musical com um cunho de transformação de expressão e informação. Ao unir os elementos presentes em dois tipos de gêneros diferentes, transformando-os de forma permanente em

seus específicos domínios, forma também um terceiro gênero que também trilha o caminho da transformação (2006, p.21). E completa dizendo que não se baseia na distinção entre o fictício e o real, mas de uma verossimilhança. Não se baseia também em opor a informação e o entretenimento, mas de uma narração que os misture.

Pena vê o jornalismo literário como o casamento perfeito de dois gêneros distintos, uma criação permanente em que os gêneros não debatem entre si, não se divergem, mas se complementam usando o real e a arte de forma harmônica.

9.4 Parto humanizado

Segundo Barroso (2011, p.94), “o parto humanizado é um processo fisiológico normal que acontece espontaneamente quando a mãe e o bebê estão saudáveis”. Respeito ao tempo da mãe e do bebê são os preceitos fundamentais do parto humanizado. De acordo com Lessa (2013, p.2), “as evidências científicas reportam que o parto domiciliar planejado para mulheres de baixo risco obstétrico é tão seguro quanto o parto hospitalar habitual”. Essa opção deveria ser oferecida a todas as mulheres saudáveis.

Gonçalves (2010, p.2) diz que a incorporação da prática médica ao parto fez com que houvesse uma mudança na cena onde a mãe e o filho deixam de ser os protagonistas para que médicos e enfermeiros tomassem à frente das decisões no ato de parir e nascer. De acordo com Barroso (2009, p.5): “A retirada das parteiras do cenário público brasileiro aconteceu de forma progressiva, em nome da prática médica que vem com o discurso higienista”. Para este autor, o trabalho que antes era de conhecimento das parteiras passa a ser de domínio médico, pois, o aprimoramento da medicina incentivou a ideia de que apenas os médicos estariam aptos para exercer esta prática. Com isso o parto, que sempre foi algo natural, se tornou um ato médico que favoreceu as intervenções com medicamentos e o abuso no uso das tecnologias.

Depois de tanto tempo sofrendo com a falta de escolha na hora de dar à luz, entram em cena as enfermeiras obstétricas com o intuito de trazer de volta um processo natural, antes praticado livremente pelas parteiras. Assim surge o parto humanizado enfraquecendo o sentimento de medo e dor sentido pelas mulheres em relação ao parto normal. E, conseqüentemente, diminuindo o número de cesarianas sem necessidade e com a opção de um parto mais saudável (MORAES, et al., 2006).

De acordo com o Ministério da Saúde (MS), em 2010, 52% dos partos realizados no Brasil foram cesarianas, porém, há quase 30 anos a Organização Mundial da Saúde (OMS, 1985) recomenda que somente 15% dos partos sejam por meio desse procedimento cirúrgico. O Amapá sempre apresentou bons índices em relação ao parto normal. Segundo Barroso (2001, p.97), em 1999 o Ministério da saúde registrou no estado o menor índice de cesarianas no país, com 85% dos partos normais e 15% cesarianas, isso se dá pela cultura das parteiras no Estado que permaneceu ativa por muito tempo.

De acordo com Viana (2014, p.3), o parto e o nascimento são papéis centrais na reprodução da vida e da preservação das espécies. A necessidade de encurtar o tempo de cada parto e o uso das tecnologias para que isso seja possível fizeram com que “dar à luz” se tornasse algo mecânico. Gonçalves (2011) lembra que os partos começaram a ser feitos em hospitais e não mais no ambiente domiciliar com os familiares presentes, tornando-se um modelo que prioriza apenas a parte fisiológica do processo: não se preocupando com as necessidades da mãe e do recém-nascido”, (p.45).

O parto natural retoma então a sociedade com o nome de parto humanizado, resgatando o que mais importa: a saúde física e psicológica da mãe e bebê.

10. DESCRIÇÃO DO PRODUTO

Produzimos um livro-reportagem como Trabalho de Conclusão de Curso – TCC no módulo de projeto experimental, sobre o parto humanizado no Amapá, com o título: Parir com amor - Relatos de mães e profissionais que lutam por partos humanizados no Amapá. O livro conta a história de mulheres e profissionais que lutam pela humanização do parto e contra as violências obstétricas que ocorrem nos hospitais com partos intervencionistas.

O nome do livro foi escolhido depois de serem ouvidos todos os relatos de partos humanizados e os relatos paradoxais de violência obstétrica, onde percebemos que a luta das mães e profissionais é nada menos do que receber seus filhos com o amor que carregam, serem respeitadas como seres humanos por todo o corpo hospitalar e ter o direito de escolha em seu próprio corpo.

O livro-reportagem foi produzido em dupla com algumas divisões de execução, feita por nós Beatriz Soutelo e Clícia Carmo. Nos dividimos e entrevistamos 19 personagens e realizamos mais de 30 entrevistas com eles no período de seis meses. As

entrevistas ocorreram em residências, nos encontros do grupo Ciranda Materna, em clínicas, na maternidade, em praças e por telefone com aquelas que não moram ou não estavam na cidade.

Durante as entrevistas tentávamos deixar os entrevistados de uma forma confortável e antes de tudo criar um vínculo com eles perguntando sobre suas vidas até que naturalmente chegávamos ao assunto parto humanizado. Sempre ficávamos atentas ao jeito de cada um para que pudéssemos explorar melhor a entrevista e utilizar a observação como descrição e narração na escrita do livro. As maiores dificuldades que encontramos durante as entrevistas foi a disponibilidade para falar com os entrevistados. Algumas entrevistas foram desmarcadas três ou mais vezes - no caso das mães que sempre tinham intercorrências com seus bebês - e com os profissionais como os enfermeiros chegamos a esperar mais de 5 horas por uma entrevista ao esperá-los em frente a sala de parto onde estavam atendendo e mesmo assim não conseguir a entrevista no dia.

Nos encontros do grupo Ciranda Materna onde presenciamos vários relatos sobre partos, nos emocionamos diversas vezes, tanto de felicidade ao assistir um lindo vídeo de um parto domiciliar de uma das integrantes do grupo, como também de raiva e aflição ao ouvir o quão desumano pode ser um parto. Algumas entrevistas individuais nos causaram dor física apenas de ouvir o relato sobre os traumas que uma mulher pode passar ou passou. Durante todo o processo de entrevistas e criação percebemos tudo que essas mulheres e familiares sentiam, e procuramos deixar isto claro na escrita do texto, através de um relato humanizado.

O livro tem 86 páginas diagramadas, divididas em cinco capítulos: 1- Relatos de partos humanizados, 2- Doulas, 3- Segredos do Parto, 4- Violência obstétrica, 5- Ciranda Materna. O primeiro e o quarto capítulos foram escritos por Clícia que usou um estilo mais objetivo para escrever, mas sem perder a sensibilidade dos fatos; o segundo, terceiro e quinto por Beatriz que buscou um estilo mais sensível ao escrever de forma que conseguisse evidenciar as emoções dos personagens para o leitor. O memorial foi escrito em conjunto, mas coube a Clícia a finalização do conteúdo. A edição do texto foi realizada pela dupla e também pela professora orientadora Roberta Scheibe

A diagramação e arte em aquarela foram feitas por Karen Pimenta, que também é uma das integrantes do grupo Ciranda Materna. No entanto, a dupla esquematizou o estilo da diagramação, bem como orientou o trabalho de Karen. Pensamos numa diagramação

e estilo moderno, com cores, artes e recortes das fotos para que ficassem atrativos em face do estilo do livro-reportagem construído. Também pensamos numa diagramação que combinasse tanto com livro impresso como com livro digital, pois disponibilizaremos este livro-reportagem para ser publicado no site da AGCOM- Agência de Comunicação da Unifap.

Os custos do livro foi R\$850,00 reais. Diagramação e arte totalizando 600 reais e impressão de três cópias gráfica no valor de R\$250 para visualização do produto pela banca avaliadora.

11. CONCLUSÃO

A divulgação do parto humanizado tem sua relevância pela falta de conhecimento das mulheres sobre as alternativas de parto, tirando assim seu direito de escolha, e tornando-as, muitas vezes, vítimas de violência obstétrica.

Há evidências científicas que mostram que o acolhimento às mulheres no momento do parto faz com que ele se acelere, ajuda no trabalho de parto, e quando acontece o contrário, são mal tratadas existe um retardo no andamento do parto, e os enfermeiros obstétricos que exercem um parto mais humanizado baseiam-se seus atendimentos nessas teorias, buscam formas menos intervencionistas de parto e na maioria das situações trabalham em conjunto com as doulas.

A partir do método etnobiográfico adentramos no mundo de mães e profissionais que batalham pela humanização do parto, presenciamos as lágrimas, os sorrisos e os olhares determinados de pessoas que são engajadas em combater a violência obstétrica, a intolerância e o desrespeito, que são militantes em “parir com amor”.

O método de história de vida permitiu que escutássemos livremente os relatos, que sensibilizássemos nosso olhar para entender em profundidade o tema, as mães, as doulas, os enfermeiros obstétricos, suas motivações, seus intuitos e no que se baseiam, e passar para o leitor de forma clara para que através de nosso olhar ele também possa entender.

As técnicas jornalísticas fizeram com que o livro-reportagem nunca se perdesse dos fatos e dados, da objetividade em noticiar os dois lados da história. Assim como alguns recursos do jornalismo literário nos deram aporte para lidar com a informação de

forma mais sensível, humanizada e subjetiva, utilizando as palavras narradas e descritas para transpassar o sentimento da dor e o trauma uma violência obstétrica, de um parto humanizado, hospitalar e domiciliar; e de transpassar as motivações de uma doula e um enfermeiro obstétrico como ser humano e também como profissional.

Este livro tem o intuito de despertar a sociedade para debater algo tão importante como o nascimento. Para nós um dos aprendizados mais marcantes na elaboração deste trabalho, foi aprender a sermos mais críticos com tudo ao nosso redor, buscar denunciar o que acreditamos estar incorreto o que culminou na idealização e realização deste livro.

Ao escrever este livro desejamos que as pessoas leiam e se sintam esclarecidas sobre o que se consiste a humanização do parto, que se incomodem e sensibilizem com alguns fatos, concluindo que a violência em qualquer que seja a circunstância não é natural, que existem outras escolhas mais dignas e humanizadas.

Diante disto, procuramos responder ao problema: Qual a importância da divulgação do parto humanizado para as mulheres que pretendem ter um parto intervencionista? E a importância se encontra na denúncia da violência obstétrica sofrida nos hospitais, na desmitificação de técnicas rotineiras hospitalares desnecessárias, o empoderamento da mulher em seu parto, o esclarecimento sobre o que se consiste humanizar o parto, sobre os direitos da mãe e do bebê, evidenciar os profissionais capacitados e engajados no assunto. Em resumo a divulgação do parto humanizado preenche lacunas que a sociedade e em particular as mulheres têm sobre esses tipos de parto, mostrando que partos sem intervenção são mais naturais, menos invasivos e mais respeitosos. Como na fala da doula Ana Daniele: “O momento mais importante de nossas vidas se torna uma coisa mecânica, muitos valores foram se perdendo, ainda é senso comum achar que se o neném nasce rápido é a melhor forma, se cortou (fez episiotomia) e nasceu rápido é o certo, e isso está na cabeça de uma sociedade inteira, de que uma cesariana é melhor”, e também na fala do enfermeiro obstetra Ronaldo Sarges: “Um grupo que envolve principalmente enfermeiros obstetra, tem o que chamamos de técnicas não evasivas, que conceituamos de boas práticas de assistência ao parto, para que o parto seja o mais natural possível, por exemplo, o acompanhante junto com a parturiente, o uso da bola, a aroma terapia para estimular o parto ou diminuir as contrações, massagem de conforto, escalda pés”.

12.BIBLIOGRAFIA

ALBERTI, V., FERNANDES, TM., and FERREIRA, MM., org. **História oral: desafios para século XXI** [online]. Rio de Janeiro: Editora Fio Cruz, 2000. 204 p. ISBN 85676-84-1. Available from Scielo Books <http://boos.Scielo.org>.

BELO, Eduardo. **Livro reportagem**. São Paulo: Contexto, 2006.

BRANDÃO, Ana (2007). **Entre a vida vivida e a vida contada: A história de vida como material primário de investigação sociológica**. Braga: Centro de Investigação em Ciências Sociais, Universidade do Minho.

CASTRO, Gustavo de; GALENO, Alex. **Jornalismo e literatura: a sedução da palavra**. Escrituras Editora e Distribuidora de Livros Ltda., 2015.

CORTES, Pablo (2011): El sentido de las historias de vida en investigaciones socioeducativas: Una revisión crítica. In Fernando Hernández, Juana María Sancho & José Ignacio Rivas (Coords.), *Historias de vida en educación: Biografías en contexto* (pp. 68-74). Barcelona: Esbrina. Retirado em 29 de Setembro de 2012 de <http://hdl.handle.net/2445/15323>

DE CARVALHO BARROSO, Iraci. **Saberes e práticas das parteiras tradicionais do Amapá: histórias e memórias**. 2001.

DELGADO, Paulo (2008). **Crianças e acolhedores: Histórias de vida em famílias**. Porto: Profedições.

DOS SANTOS PEREIRA, Lindjane (2008). **A biografia no âmbito do jornalismo literário**.

ERBOLATO, Mário, **Técnicas de Codificação em Jornalismo**, 2ª edição, Petrópolis, Vozes, 1989

GONÇALVES, Marco Antônio, Vânia CARDOSO, and Roberto MARQUES. "Etnobiografia: esboço de um conceito." Rio de Janeiro: 7Letras (2012).

GONÇALVES, R; AGUIAR, C. A; MERIGHI, M. A. B; JESUS, M. C. P. **Vivenciando o cuidado no contexto de uma casa de parto: o olhar das usuárias**. Rev. Esc. Enferm USP. v.45, n.1, 2011. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v45n1/09.pdf>, acessado em 28/08/2016, às 10:30hs.

KOTSCHO, Ricardo. **A prática da reportagem**. São Paulo: Ática, 2004.

LAGE, Nilson. **A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. Rio de Janeiro: Record, 2004.

LAGE, Nilson. **Linguagem Jornalística**. 7ª edição, São Paulo: Ática, 2003.

LESSA, H.F. **A saúde da mulher e a opção pelo parto domiciliar planejado**. Tese (Doutorado em Enfermagem)- UFRJ/Escola de Enfermagem Anna Nery. Programa de Pós-Graduação em Enfermagem, 2012;

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas, o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura.** Campinas: UNICAMP, 2004.

LOPES, R. C. S., DONELLI, T. S., Lima, C. M., & PICCININI, C.A. **O antes e o depois: expectativas e experiências de mães sobre o parto.** Rev.de Psicologia:Reflexão e Crítica. Porto Alegre, v.2, n.18, p. 247-254. 2005.

MORAES, J. F; GODOI, C. V. C de.; FONSECA, M. R. C. C. **Fatores que interferem na assistência humanizada ao parto.** Saúde em revista, v. 8, n.19, p. 13-19, 2006.

OLIVEIRA, S. M. J. V.; GONZALEZ, R. M. L.; ROSAS, M. C. F.;VIDOTTO, P. **Tipo de parto: expectativas das mulheres.** Revista. Latino Americana de Enfermagem, São Paulo, v.10, n.5, p.667-674, Set./Out. 2002.

PENA, Felipe. **Jornalismo Literário.** São Paulo. Ed. Contexto. 2006.

RATTNER, D. **Humanização na atenção a nascimentos e partos: breve referencial teórico.** Interface: comunicação, saúde, educação, São Paulo, v.13, supl.1, p.595-602, Jan. 2009.

SILVA, Susana (2007). **Sem-abrigo: Métodos de produção de narrativas biográficas.** Sísifo: Revista de Ciências da Educação, 2, 69-82.